



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O II DIA MUNDIAL DOS POBRES

P. 04-05



BREVES**“A injustiça é a raiz perversa da pobreza”, diz Papa Francisco**

O Papa afirmou este Domingo, em Roma, que a pobreza radica sempre na injustiça. Numa missa celebrada por ocasião do segundo Dia Mundial dos Pobres, Francisco disse que todos os cristãos devem procurar “viver a fé em contacto com os necessitados”, explicando ainda que tal “não é uma opção sociológica, uma moda de um pontificado, mas sim uma exigência teológica”.

O Papa recusou ainda limitar a noção de pobreza à de falta de recursos financeiros, elencando uma longa lista de outros pobres, como os bebés que não nascem, as crianças que morrem à fome, os adolescentes habituados ao som das bombas, os idosos sozinhos, os refugiados, entre outros.

**Cáritas pede “compromisso” geral contra a pobreza que atinge crianças e famílias**

A Cáritas Europa apelou ao Parlamento Europeu e à Comissão Europeia para que “assegure a continuidade do financiamento a projetos de apoio a famílias e crianças carenciadas”, que depende da aprovação do próximo Quadro Financeiro Plurianual.

“É preciso investir nas crianças”, frisa a Cáritas Europa, que realça que “o futuro das crianças na Europa estará em risco se os líderes europeus não aprovarem o próximo plano de financiamento”.

O secretário-geral da Cáritas Europa sublinha a importância deste acordo ser assinado “antes das eleições europeias de Maio de 2019”, e de colocarem esta questão “no topo das prioridades”.

**OPINIÃO****Olhares (18) - O riso dos pardais****JOÃO AGUIAR CAMPOS**

PADRE

Sei que muitos leitores não vão acreditar, mas a verdade é que os pardais riem. E muito.

Visitem os cépticos um dos largos mais luminosos da minha aldeia e verão que até sou contido no que digo. Porque a verdade é que os pardais chegam mesmo à gargalhada!...

Sáídos dos ninhos quando o orvalho ainda lava as folhas, desafiavam-se a ver quem sobe mais alto na fragilidade dos

dais riem e gargalham no largo, milhares de crianças sentam-se diante da TV a ver bonecos disformes e a roer as unhas em lutas de monstros... Entretanto, os pais, sossegados por tanto sossego, poisam neles olhares pasteurizados.

Hoje, Carlos do Carmo deve pensar que está ultrapassado o seu fado, pois os putos já não parecem bandos de pardais à solta, mal correm atrás de uma bola de pano ou de um arco na ladeira; raramente atiram a esperança numa físga e não parecem pardais de calções. Pior ainda, faltalhes o céu no olhar e, não raro, no fim do dia cansado, até o colo da ternura paterna.

Ai o poema de Ary, que tão profundo exame nos pede!...

Que tão paradas estão tantas crianças do meu país, que não podem brincar, sujar-se, chorar o mimo de uma queda numa corrida à desgarrada!...

No passado domingo (18 de Novembro), o jornal “Público” recolhia esta opinião de Jordan

Neste silêncio conveniente, diz Peterson, lá se vai o “faz de conta” que ajuda a crianças a aprenderem, a imaginarem o que querem ser, a criar papéis. Porque, de facto, as brincadeiras integram muitas habilidades e profunda aprendizagem; promovem vivências novas e um modo positivo de lidar com as limitações. E muito mais, se deixarmos que nas suas actividades lúdicas elas tenham uma importante palavra a dizer — ajudando que o acto de brincar as divirta e não seja interpretado apenas como mais um exercício imposto na forma e conteúdo.

Isto vale, inclusive, para a catequese — hoje, felizmente, menos parada e sisuda que no meu tempo; como alegremente constato neste exemplo que recolho do DN de 15 de Abril de 2017: “São quase 19h00 num dia de semana normal na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, na Estrada de Benfica. A porta do cen-



ramos; ou quem melhor se equilibra numa ponta de palha. Depois, desatam a jogar ao “apanha-me, se és capaz!”, inventando fintas, escondendo-se nas telhas e espreitando, de gargalhada feita, perseguidores desorientados...

Um grão no chão é uma festa: parecem as crianças do meu tempo na roda do pião, a ver quem dá mais nicas. E se algum foge com o que todos repartiam, um coro de olhos tristes acompanha o voo do traidor!...

Muitas vezes, por entre os versículos de Laudes, fico a olhar os pardais.

Dou, então, comigo a pensar nesta lição que, por não a aprendermos, nos está a adoecer: enquanto os par-

Peterson: “... o primeiro perigo não é o que está nos aparelhos electrónicos, mas como é que estes interferem na vida das crianças. Quando estão ao telefone, não estão a interagir umas com as outras. A minha suspeita é que (o smartphone) está a ocupar o espaço que poderia estar ocupado por outra coisa. A interacção com as máquinas vai tornar-nos mais inteligentes, mas a questão é com o que estão a interferir. O mesmo aconteceu com a televisão. Quando os meus filhos eram pequenos, 4 a 6 anos, púnhamo-los a ver filmes da Disney com outras crianças da mesma idade e não tem nada de mal, mas eles deviam ter brincado. Só que quando brincam são barulhentos”.

tro paroquial, um grupo de crianças joga à apanhada. Lá dentro, há mochilas e cadernos num canto do corredor, risos para lá de uma das portas fechadas, um miúdo passa a correr para a casa de banho. É hora de catequese e o ambiente é muito parecido com o de uma qualquer escola primária. Maria Luzia Silva, a coordenadora da catequese, bate à porta da sala onde decorre uma aula do 1.º ano. “Podemos entrar?” As mesas foram arrastadas para um canto e os miúdos estão todos de pé. “Íamos agora mesmo começar um jogo”, diz a catequista, no meio do alarido”.

Gostei de ler. Porque sim; porque é catequético o riso dos pardais!...



PAPA FRANCISCO

19 DE NOVEMBRO 2018 · Não se pode amar somente até quando "seja conveniente"; o amor se manifesta precisamente para além do limiar da própria vantagem, quando se doa tudo sem reservas.

D. JORGE ORTIGA

19 DE NOVEMBRO 2018 · Somos todos pedintes de luz, sentido, afecto, felicidade, misericórdia e compaixão.

#Twittomilia #EvangelhoDiario

DESLIZAMENTO DE TERRAS

Arcebispo de Évora associa-se "à dor e ao luto" pelas vítimas de Borba

O arcebispo de Évora expressou na Terça-Feira a sua consternação pela tragédia ocorrida na antiga Estrada Nacional 255, entre Borba e Vila Viçosa, onde um deslizamento de terras provocou pelo menos, até à hora de fecho desta edição dois mortos já confirmados pelas autoridades.

Através das redes sociais, D. Francisco Senra Coelho associa-se "à dor e ao luto dos familiares e amigos das vítimas" e coloca-se "ao lado de todos os que trabalham afincadamente para minorar o sofrimento e resolver os problemas urgentes da difícil situação".

O deslizamento de terras ocorreu esta Segunda-Feira, a meio da tarde.

De acordo com o Comandante Distrital de Operações de Socorro de Évora, José Ribeiro, o aluimento de "um grande volume de terra" ocasionou "a deslocação de uma quantidade muito significativa de rochas, de blocos de mármore e de terra para o interior de uma pedreira" situada junto à referida via.



OPINIÃO

Calçar os sapatos dos outros



JORGE VILAÇA

PADRE

1 Todos conhecemos pessoas com "bom coração", que vivem só para os outros, sentem pelos outros, "resolvem" com empenho os problemas e dúvidas dos outros. Quando não conseguem efetivamente ajudar sentem-se mal, frequentemente culpadas. Descentradas, activas, simpáticas, boas ouvintes, sensíveis, são atraídas (mutuamente) por pessoas e situações negativas, em todo o tempo, momento e lugar. Eis algumas hipóteses de gestão desta hipertensão espiritual:

a) aprenderem a lidar com isso, interiormente, através do sistema tentativa-erro;

b) procurarem ajuda para compreenderem o que sentem e fazem e tirarem partido disso;

c) tornarem-se vítimas ou, no limite, doentes;

2. É bastante comum encontrar estas pessoas simpáticas, de bom coração, em ambientes espirituais e religiosos e nos mais diversos serviços de auxílio aos outros, sobretudo se muito necessitados. São simpáticas, envolvem-se, trabalham, interessam-se. Obviamente que há muitos modos de analisar esses "bons corações", numa amplitude que vai das questões do "berço" até à efusão do Espírito Santo, passando por corpos abertos e fechados. Detenhamo-nos hoje na definição de algumas palavras equívocas afins ao "bom coração", também do ponto de vista espiritual.

3. Apatia, simpatia, antipatia, empatia, ecpatia: estas são algumas das muitas pala-

bras que conservam a etimologia grega pathos (paixão, sofrimento). Ainda que do ponto de vista psicológico se prestem a muitas explicações, na linguagem comum associamos a apatia à indiferença, a simpatia e a antipatia à boa ou má educação e a empatia à sintonia entre pessoas. Em comum têm o grau de implicação emocional nos relacionamentos: a pessoa apática aparentemente não se envolve; a antipática distancia-se, porventura agredindo; a simpática mistura-se até se confundir; a empática envolve-se e depois diferencia-se. Nitidamente preferimos ser e encontrar pessoas empáticas. São raras, contudo.

4. A empatia é, de facto, uma ferramenta imprescindível em qualquer tipo de relacionamento. Por natureza ou por treino diário, a empatia é uma atitude (cognitiva, afectiva, comportamental) que se caracteriza pela recusa da tendência paternalista ("tens de fazer assim"), pela compreensão da posição dos outros e pela transmissão dessa compreensão (misericórdia). Não é, sublinhe-se, aprovação do que é dito/feito mas o esforço por entender o ponto de vista alheio e comunicá-lo. Dito de maneira prática, "calçar os sapatos dos outros", a que alguém acrescentou acertadamente "sem se esquecer que os sapatos são dos outros" (diferenciação). Nesta última frase reside uma das questões

fundamentais: não esquecer que os sapatos são dos outros!

5. E a ecpatia? J. L. González de Rivera Revuelta introduziu esta última palavra porque a empatia, a disposição interior que permite entrar no coração do outro, ver com os seus olhos, ouvir com os seus ouvidos e captar bem o que o outro sente no seu mundo interior e comunicar tal compreensão, deriva muito facilmente para a inundação da vida daquele que se propõe ajudar. Sim, é difícil descalçar os sapatos do outro, sobretudo se nos aproximamos com misericórdia. Ecpatia, ecpatia, "sentir fora", "voltar a calçar os seus próprios sapatos", é – segundo o autor – "o processo mental de exclusão ativa dos sentimentos induzidos pelos outros". Uma ferramenta, portanto, para compensar ou regular a empatia, para clarificar os seus limites. Faz lembrar o bom samaritano que, vendo o homem caído, se aproximou dele e o cuidou... mas depois o entregou a um outro.

6. O Dia Internacional do Voluntariado celebra-se no próximo dia 5 de Dezembro: só um em cada dez portugueses faz voluntariado, uma das médias mais baixas da Europa... Ainda assim, mais de um milhão de voluntários! Bons corações que calçam os sapatos dos outros, os ajudam, mas que devolvem os sapatos ao dono.



MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O II DIA MUNDIAL DOS POBRES

XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM
(18 DE NOVEMBRO DE 2018)

“Este pobre clama e o Senhor o escuta”

1. “Este pobre clama e o Senhor o escuta” (Sal 34, 7). Fazemos também nossas estas palavras do Salmista, quando nos vemos confrontados com as mais variadas condições de sofrimento e marginalização em que vivem tantos irmãos e irmãs, que nos habituamos a designar com o termo genérico de “pobres”. O autor de tais palavras não é alheio a esta condição; antes pelo contrário, experimenta directamente a pobreza e, todavia, transforma-a num cântico de louvor e agradecimento ao Senhor. Hoje, este Salmo permite-nos também a nós, rodeados por tantas formas de pobreza, compreender quem são os verdadeiros pobres para os quais somos chamados a dirigir o olhar a fim de escutar o seu clamor e reconhecer as suas necessidades.

Nele se diz, antes de mais nada, que o Senhor escuta os pobres que clamam por Ele e é bom para quantos, de coração dilacerado pela tristeza, a solidão e a exclusão, n’Ele procuram refúgio. Escuta todos os que são espezinhados na sua dignidade e, apesar disso, têm a força de levantar o olhar para o Alto a fim de receber luz e conforto. Escuta os que se vêem perseguidos em nome duma falsa justiça, oprimidos por políticas indignas deste nome e intimidados pela violência; e contudo sabem que têm em Deus o seu Salvador. O primeiro elemento que sobressai nesta oração é o sentimento de abandono e confiança num Pai que escuta e acolhe. Sintonizados com estas palavras, podemos compreender mais profundamente aquilo que Jesus proclamou com a bem-aventurança “felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu” (Mt 5, 3). Entretanto devido ao carácter único desta experiência, sob muitos aspectos imerecida e impossível de se expressar plenamente, sente-se o desejo de a comunicar a outros, a começar pelos que são – como o Salmista – pobres, rejeitados e marginalizados. De facto, ninguém se pode sentir excluído

do amor do Pai, sobretudo num mundo onde frequentemente se eleva a riqueza ao nível de primeiro objectivo e faz com que as pessoas se fechem em si mesmas.

2. O Salmo caracteriza a atitude do pobre e a sua relação com Deus, por meio de três verbos. O primeiro: “clamar”. A condição de pobreza não se esgota numa palavra, mas torna-se um brado que atravessa os céus e chega a Deus. Que exprime o brado dos pobres senão o seu sofrimento e solidão, a sua desilusão e esperança? Podemos interrogar-nos: como é possível que este brado, que sobe à presença de Deus, não consiga chegar aos nossos ouvidos e nos deixe indiferentes e impassíveis? Num Dia como este, somos chamados a fazer um sério exame de consciência para compreender se somos verdadeiramente capazes de escutar os pobres. Necessitamos da escuta silenciosa para reconhecer a sua voz. Se nós falarmos demasiado, não conseguiremos escutá-los a eles. Muitas vezes, temo que tantas iniciativas, apesar de meritórias e necessárias, visem mais comprazer-nos a nós mesmos do que acolher verdadeiramente o clamor do pobre. Se assim for, na hora em que os pobres fazem ouvir o seu brado, a reacção não é coerente, não é capaz de sintonizar com a condição deles. Vive-se tão encurralado numa cultura do indivíduo obrigado a olhar-se ao espelho e a cuidar exageradamente de si mesmo, que se considera suficiente um gesto de altruísmo para ficar satisfeito, sem se comprometer directamente.

3. Um segundo verbo é “responder”. O Salmista diz que o Senhor não só escuta o clamor do pobre, mas também responde. A sua resposta – como atesta toda a história da salvação – é uma intervenção cheia de amor na condição do pobre. Foi assim, quando Abraão expressara a Deus o seu desejo de possuir uma descendência, apesar de ele e a esposa Sara, já idosos, não terem filhos (cf. Gn 15, 1-6). O mesmo aconteceu quando Moisés, do fogo duma sarça que ardia sem se consumir, recebeu a revelação do nome divino e a missão de fazer sair o povo do Egito (cf. Ex 3, 1-15). E esta resposta confirmou-se ao longo de todo o caminho do povo pelo deserto: tanto quando sentia os apertos da fome e da sede (cf. Ex 16, 1-16; 17, 1-7), como quando caía na miséria pior, ou seja, na infidelidade à aliança e na idolatria (cf. Ex 32, 1-14). A resposta de Deus ao pobre é sempre uma intervenção salvadora para cuidar das feridas da alma e do corpo, repor a justiça e ajudar a retomar a vida com dignidade. A resposta de Deus é também um apelo para que toda a pessoa que acredita n’Ele possa, dentro dos limites humanos, fazer o mesmo. O Dia Mundial dos Pobres pretende ser uma pequena resposta, dirigida pela Igreja inteira dispersa por todo o mundo, aos pobres de todo o género e de todo o lugar a fim de não pensarem que o seu clamor caíra em saco roto. Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; e contudo pode ser um sinal de solidariedade para quantos passam necessidade a fim de sentirem a presença activa dum irmão ou duma irmã. Não é de um acto de delegação que os pobres precisam, mas do envolvimento pessoal de quantos escutam o seu brado. A solicitude dos crentes não pode limitar-se a uma forma de assistência – embora necessária e providencial num primeiro momento –, mas requer aquela “atenção amiga” (Francisco, Exort. ap. Evangelii gaudium, 199) que aprecia o outro como pessoa e procura o seu bem.

4. O terceiro verbo é “libertar”. O pobre da Bíblia vive com a certeza de que Deus intervém em seu favor para lhe devolver dignidade. A pobreza não é procurada, mas criada pelo egoísmo, a soberba, a avidez e a injustiça: males tão antigos como o homem, mas sempre pecados são, acabando enredados neles tantos inocentes com dramáticas consequências sociais. A acção libertadora do Senhor é um acto de salvação em prol de quantos Lhe manifestaram a sua aflicção e angústia. As amarras da pobreza são quebradas pelo poder da intervenção de Deus. Muitos Salmos narram e celebram esta história da salvação, que se verifica na vida pessoal do pobre: “Ele não desprezou nem desdenhou a aflicção do pobre, nem desviou dele a sua face; mas ouviu-o, quando Lhe pediu socorro” (Sal 22, 25). Poder contemplar a face de Deus é sinal da sua amizade, da sua proximidade, da sua salvação. “Viste a minha miséria e conhecestes a angústia da minha alma; (...) deste aos meus pés um caminho espaçoso” (Sal 31, 8b.9). Dar ao pobre um “caminho espaçoso” equivale a libertá-lo da “armadilha do caçador” (cf. Sal 91, 3), a tirá-lo da armadilha montada no seu caminho, para poder caminhar sem impedimentos e olhar serenamente a vida. A salvação de Deus toma a forma duma mão estendida ao pobre, que oferece acolhimento, protege e permite sentir a amizade de que necessita. É a partir desta proximidade concreta e palpável que tem início um genuíno percurso de libertação: “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se



plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo” (Evangelii gaudium, 187).

5. Não cessa de comover-me o caso – referido pelo evangelista Marcos (cf. 10, 46-52) – de Bartimeu, na pessoa de quem vejo identificados tantos pobres. O cego Bartimeu era um mendigo, que “estava sentado à beira do caminho” (10, 46); tendo ouvido dizer que ia a passar Jesus, “começou a gritar” e a invocar o “Filho de David” para que tivesse piedade dele (cf. 10, 47). “Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais” (10, 48). O Filho de Deus escutou o seu brado e “perguntou-lhe: “Que queres que te faça?” “Mestre, que eu veja!” – respondeu o cego” (10, 51). Esta página do Evangelho torna visível aquilo que o Salmo anunciava como promessa. Bartimeu é um pobre que se encontra desprovido de capacidades fundamentais, como o ver e o poder trabalhar. Também hoje não faltam percursos que levam a formas de precariedade. A falta de meios basilares de subsistência, a marginalização quando já não se está na plenitude das próprias forças laborais, as diversas formas de escravidão social, apesar dos progressos realizados pela humanidade... Como Bartimeu, quantos pobres há hoje à beira da estrada e procuram um significado para a sua condição! Quantos se interrogam acerca dos motivos por que chegaram ao fundo deste abismo e sobre o modo como sair dele! Esperam que alguém se aproxime deles, dizendo: “Coragem, levanta-te que Ele chama-te” (10, 49). Com frequência, infelizmente, verifica-se o contrário: as vozes que se ouvem são de repreensão e convite a estar calados e a sofrer. São vozes desafinadas, muitas vezes regidas por uma fobia para com os pobres, consideradas como pessoas não apenas indigentes, mas também portadoras de insegurança, instabilidade, extravio dos costumes da vida diária e, conseqüentemente, pessoas que devem ser repelidas e mantidas ao longe. Tende-se a criar distância entre nós e eles, não nos dando conta de que, assim, acabamos distantes do Senhor Jesus, que não os afasta mas chama-os a Si e consola-os. Como soam apropriadas a este caso as palavras do profeta relativas ao estilo de vida do crente: “libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus” (Is 58, 6-7). Este modo de agir faz com que o pecado seja perdoado (cf. 1 Ped 4, 8), a justiça percorra a sua estrada e, quando formos nós a clamar pelo Senhor, Ele nos responda dizendo: Aqui estou! (cf. Is 58, 9).

6. Os primeiros habilitados a reconhecer a presença de Deus e a dar testemunho da sua proximidade à própria vida são os pobres. Deus permanece fiel à sua promessa e, mesmo na escuridão da noite, não deixa faltar o calor do seu amor e da sua consolação. Contudo, para superar a opressiva condição de pobreza, é necessário aperceber-se da presença de irmãos e irmãs que se ocupem deles e que, abrindo a porta do coração e da vida, lhes façam sentir benvindos como amigos e familiares. Somente deste modo podemos descobrir “a força salvífica das suas vidas” e “colocá-los no centro do caminho da Igreja” (Evangelii gaudium, 198). Neste Dia Mundial, somos convidados a tornar concretas as palavras do Salmo: “Os pobres comerão e serão saciados” (Sal 22, 27). Sabemos que no templo de Jerusalém, depois do rito do sacrifício, tinha lugar o banquete. Esta foi uma experiência que, no ano passado, enriqueceu a celebração do primeiro Dia Mundial dos Pobres, em muitas dioceses. Muitos encontraram o calor numa casa, a alegria numa refeição festiva e a solidariedade de quantos quiseram compartilhar a mesa de forma simples e fraterna. Gostaria que, também neste ano e para o futuro, este Dia fosse celebrado sob o signo da alegria pela reencontrada capacidade de estar juntos. Rezar juntos em comunidade e compartilhar a refeição no dia de domingo é uma experiência que nos leva de volta à primitiva comunidade cristã, que o evangelista Lucas descreve em toda a sua originalidade e simplicidade: “Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações. (...) Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um” (At 2, 42.44-45).

7. Inúmeras são as iniciativas que a comunidade cristã empreende para dar um sinal de proximidade e alívio às muitas formas de pobreza que estão diante dos nossos olhos. Muitas vezes, a colaboração com outras realidades, que se movem impelidas não pela fé mas pela solidariedade humana, consegue prestar uma ajuda que, sozinhos, não poderíamos realizar. O facto de reconhecer que, no mundo imenso da pobreza, a nossa própria intervenção é limitada, frágil e insuficiente leva a estender as mãos aos outros, para que a mútua colaboração possa alcançar o objetivo de maneira mais eficaz. Somos movidos pela fé e pelo imperativo da caridade, mas sabemos reconhecer outras formas de ajuda e solidariedade que se propõem, em parte, os mesmos objectivos; desde que não transcuremos aquilo que nos é próprio, ou seja, conduzir todos a Deus e à santidade. Uma

resposta adequada e plenamente evangélica, que podemos realizar, é o diálogo entre as diversas experiências e a humildade de prestar a nossa colaboração, sem qualquer espécie de protagonismo.

À vista dos pobres, não se perca tempo a lutar pela primazia da intervenção, mas reconheçamos humildemente que é o Espírito quem suscita gestos que sejam sinal da resposta e da proximidade de Deus. Quando encontramos o modo para nos aproximar dos pobres, saibamos que a primazia compete a Ele que abriu os nossos olhos e o nosso coração à conversão. Não é de protagonismo que os pobres têm necessidade, mas de amor que sabe esconder-se e esquecer o bem realizado. Os verdadeiros protagonistas são o Senhor e os pobres. Quem se coloca ao serviço é instrumento nas mãos de Deus, para fazer reconhecer a sua presença e a sua salvação. Recordo-o São Paulo quando escreve aos cristãos de Corinto, que competiam entre eles a propósito dos carismas procurando os mais prestigiosos: “Não pode o olho dizer à mão: “Não tenho necessidade de ti”; nem tão pouco a cabeça dizer aos pés: “Não tenho necessidade de vós”” (1 Cor 12, 21). Depois, o Apóstolo faz uma consideração importante, observando que os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários (cf. 12, 22) e, “aqueles que parecem ser os menos honrosos do corpo, a esses rodeamos de maior honra e, aqueles que são menos decentes, nós os tratamos com mais decoro; os que são decentes, não têm necessidade disso” (12, 23-24). Ao mesmo tempo que dá um ensinamento fundamental sobre os carismas, Paulo educa também a comunidade para a conduta evangélica com os seus membros mais fracos e necessitados. Longe dos discípulos de Cristo sentimentos de desprezo e de pietismo para com eles; antes, são chamados a honrá-los, a dar-lhes a precedência, convictos de que eles são uma presença real de Jesus no meio de nós. “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40).

8. Por isto se compreende quão distante esteja o nosso modo de viver do modo de viver do mundo, que louva, segue e imita aqueles que têm poder e riqueza, enquanto marginaliza os pobres considerando-os um descarte e uma vergonha. As palavras do Apóstolo são um convite a dar plenitude evangélica à solidariedade com os membros mais fracos e menos dotados do corpo de Cristo: “Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria” (1 Cor 12, 26). Na mesma linha, nos exorta ele na Carta aos Romanos: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde” (12, 15-16). Esta é a vocação do discípulo de Cristo; o ideal para o qual se deve tender constantemente é assimilar cada vez mais em nós “os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus” (Flp 2, 5).

9. Uma palavra de esperança torna-se o epílogo natural para onde nos encaminha a fé. Muitas vezes, são precisamente os pobres que põem em crise a nossa indiferença, filha duma visão da vida, demasiado imanente e ligada ao presente. O clamor do pobre é também um brado de esperança com que manifesta a certeza de ser libertado; esperança fundada no amor de Deus, que não abandona quem a Ele se entrega (cf. Rm 8, 31-39). Santa Teresa de Ávila deixara escrito no seu Caminho de Perfeição: “A pobreza é um bem que encerra em si todos os bens do mundo; assegura-nos um grande domínio; quero dizer que nos torna senhores de todos os bens terrenos, uma vez que nos leva a desprezá-los” (2, 5). Na medida em que somos capazes de discernir o verdadeiro bem é que nos tornamos ricos diante de Deus e sábios diante de nós mesmos e dos outros. É mesmo assim: na medida em que se consegue dar à riqueza o seu justo e verdadeiro significado, cresce-se em humanidade e torna-se capaz de partilha.

10. Convido os irmãos bispos, os sacerdotes e de modo particular os diáconos, a quem foram impostas as mãos para o serviço dos pobres (cf. At 6, 1-7), juntamente com as pessoas consagradas e tantos leigos e leigas que, nas paróquias, associações e movimentos, tornam palpável a resposta da Igreja ao clamor dos pobres, a viver este Dia Mundial como um momento privilegiado de nova evangelização. Os pobres evangelizam-nos, ajudando-nos a descobrir cada dia a beleza do Evangelho. Não deixemos cair em saco roto esta oportunidade de graça. Neste dia, sintamo-nos todos devedores para com eles, a fim de que, estendendo reciprocamente as mãos uns para os outros, se realize o encontro salvífico que sustenta a fé, torna concreta a caridade e habilita a esperança a prosseguir segura no caminho rumo ao Senhor que vem.

Vaticano, na Memória litúrgica de Santo António de Lisboa, 13 de Junho de 2018.

“Vigiai e orai em todo o tempo”

I DOMINGO ADVENTO

ITINERÁRIO

ATITUDE
Avaliar

CONCRETIZAÇÃO: O presbitério está despido de ornamentação e as luzes/velas da Igreja estão apagadas. Só no momento da dinâmica é que serão colocados um círio, uma tina transparente com água e um vaso vazio.

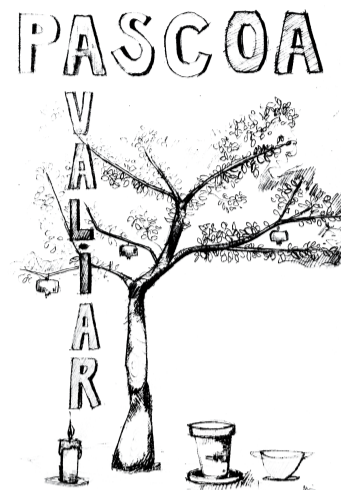


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Jer 33, 14-16

Leitura do Livro de Jeremias

Eis o que diz o Senhor: “Dias virão, em que cumprirei a promessa que fiz à casa de Israel e à casa de Judá: Naqueles dias, naquele tempo, farei germinar para David um rebento de justiça que exercerá o direito e a justiça na terra. Naqueles dias, o reino de Judá será salvo e Jerusalém viverá em segurança. Este é o nome que chamarei à cidade: “O Senhor é a nossa justiça””.

Salmo responsorial

Salmo 24 (25), 4bc-5ab.8-9.10.14 (R.1b)

Refrão: Para Vós, Senhor, elevo a minha alma.

LEITURA II 1 Tes 3, 12 – 4, 2

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses

Irmãos: O Senhor vos faça crescer e abundar na caridade uns para com os outros e para com todos, tal como nós a temos tido para convosco. O Senhor confirme os vossos corações numa santidade irrepreensível, diante de Deus, nosso Pai, no dia da vinda de Jesus, nosso Senhor, para com todos os santos. Finalmente, irmãos, eis o que vos pedimos e recomendamos no Senhor Jesus: recebestes de nós instruções sobre o modo como deveis proceder para agradar a Deus e assim estais procedendo; mas deveis progredir ainda mais. Conheceis bem as normas que vos demos da parte do Senhor Jesus.

EVANGELHO Lc 21, 25-28.34-36

Evangelho de Nosso Senhor Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e, na terra, angústia entre as nações, aterradas com o rugido e a agitação do mar. Os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai suceder ao universo, pois as forças celestes serão abaladas. Então, hão-de ver o Filho do homem vir numa nuvem, com grande poder e glória. Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima. Tende cuidado convosco, não suceda que os vossos corações se tornem pesados pela intemperança, a embriaguez e as preocupações da vida, e esse dia não vos surpreenda subitamente como uma armadilha, pois ele atingirá todos os que habitam a face da terra. Portanto, vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem”.

REFLEXÃO

O Senhor nos dará todos os bens e a nossa terra produzirá o seu fruto.
Salmo 84, 13

A nossa vida e a nossa fé estão envolvidas pela luz e esperança que nos vem do Deus de Jesus Cristo. Elas são os bens divinos mais excelentes para viver este tempo de Advento. Acolhidos no coração dão-nos capacidade para produzir frutos extraordinários. Surge, então, uma pergunta ao iniciar este novo ano litúrgico: Como posso refazer o meu projecto de vida a partir destes bens que me são oferecidos por Deus?

“Vigiai e orai em todo o tempo”

O Primeiro Domingo de Advento (Ano C), primeiro dia do ano cristão, exorta: “Vigiai e orai em todo o tempo”. Alguns dos grandes mestres espirituais do Oriente empenharam-se em descobrir o seu sentido mais profundo. Lembremos, por exemplo, a inquietação do célebre ‘peregrino russo’: “como podemos orar sem cessar, se precisamos de ter outras ocupações para assegurarmos a nossa sobrevivência?” (cf. Relatos de um peregrino russo ao seu pai espiritual). A vigilância é a atitude que nos faz viver abertos ao mundo, aos outros, a Deus. A sonolência, pelo contrário, é a expressão do desinteresse pelo que está a acontecer dentro de nós e à nossa volta. Vigiar é assumir que não se quer viver em piloto automático, aquele sistema que dispensa a necessidade de um pensamento consciente sobre as nossas ações. Vigiar é tornar profundo cada momento. “Significa não cair na desorientação, não se extraviar, ou seja, não perder o norte [...]. A vigilância é luta contra a habituação e o seu efeito anestésico. [...] Esperar o Senhor velando e orando significa fazê-lo reinar sobre o nosso hoje e conhecer, portanto, a sua vinda, já, aqui e agora” (Luciano Manicardi). O Advento não se circunscreve à evocação do passado. São Carlos Borromeu lembrou que a celebração deste tempo “nos ensina que o advento de Cristo não foi apenas para os seus contemporâneos, mas que a sua eficácia nos é comunicada a todos nós”. Disse que “se não oferecermos resistência”, Jesus Cristo está disposto “a vir de novo, em qualquer hora e momento, para habitar espiritualmente em nossas almas com abundantes

graças”. Os melhores bens que podemos pedir neste Advento são, portanto, a vigilância do coração e a conexão com Deus “em todo o tempo”.

Avaliar

Assumimos o projecto litúrgico “Cres’Ser na esperança: uma parábola de comunhão missionária” (Comissão Arquidiocesana para a Pastoral Litúrgica e Sacramentos). O Advento situa-nos na “avaliação sobre a missão” (cf. programa pastoral). Começo por perceber se, no meu ritmo diário, há tempo para me conectar com o sentido da vida ou se, pelo contrário, me sinto sufocado pelo desgaste e pelo cansaço das ocupações quotidianas. Esforço-me por implementar momentos de encontro com Deus. Em modo de oração, acolho a pergunta: “Quais os sinais que me chamam a atenção quando avalio a minha condição de discípulo missionário?”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.net



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do I Domingo do Advento (*Missal Romano*, 103)

Prefácio: Prefácio de Advento I/A (*Missal Romano*, 454)

Oração Eucarística: Oração Eucarística V/A (*Missal Romano*, 1158ss)

Bênção final: Bênção solene (*Missal Romano*, 553)



VIVER NA ESPERANÇA

Vamos, nesta semana, dar particular a atenção ao nosso exame de consciência diário com os seguintes momentos: 1º Agradecer; 2º Pedir Luz; 3º Examinar; 4º Pedir perdão; 5º Propor.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** *A Vós, Senhor, elevo a minha alma*, F. Santos

– **Apresentação dos Dons:** *Estai preparados*, Az. Oliveira

– **Comunhão:** *Deus abençoou a nossa terra*, M. Luís

– **Final:** *Maria, fonte da esperança*, M. Luís

Elementos celebrativos a destacar

Ser comunidade acolhedora Lucernário

No início da celebração, todas as luzes e velas da Igreja se encontram apagadas. Depois de apelar à vivência deste tempo de esperança em preparação do Natal, indica-se a atitude a seguir – AVALIAR – que será afixada, neste momento, com orientação vertical, a partir da letra A (de Páscoa) que foi colocada no cartaz do Ano Pastoral.

Preparação Penitencial

No momento de preparação penitencial, em cada tropo da fórmula C coloca-se um dos elementos do itinerário simbólico, pela seguinte ordem: vaso, água e círio aceso. **V.** Senhor, nem sempre estamos atentos aos sinais que nos dá e que nos convocam para te acolher e para crescermos em ti e contigo. Por isso, com humildade, te pedimos: (*Coloca-se o vaso diante do altar e depois prossegue-se:*) Senhor,

misericórdia.

R. Senhor, misericórdia.

V. Cristo, por vezes não encontramos em nós os meios para fazer com que germine em nós. Por isso, com esperança, te pedimos: (*Coloca-se a tina com água diante do altar, e depois prossegue-se:*) Cristo, misericórdia.

R. Cristo, misericórdia.

V. Senhor, quantas vezes não deixamos que ilumine a nossa vida no caminho da santidade. Por isso, com humildade, te pedimos: (*Coloca-se um círio aceso diante do altar, e depois prossegue-se:*) Senhor, misericórdia.

R. Senhor, misericórdia.

Ser comunidade missionária

1. Homilia/Catequese

. Quais os sinais que me chamam a atenção quando avalio a minha condição de discípulo missionário?

1. Envio missionário

V. Ide, o Pai concede-nos sinais, ao longo do caminho, para estarmos vigilantes e para vivermos em constante oração.

R. Ámen.

V. Ide, o Filho faz-nos crescer e abundar na caridade uns para com os outros.

R. Ámen.

V. Ide, o Espírito Santo guia-nos no caminho da santidade.

R. Ámen.

Oração Universal

Irmãs e irmãos: Jesus acaba de nos dizer no Evangelho: “O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!” Peçamos essa graça para nós e para o mundo inteiro, dizendo (ou: cantando), cheios de confiança:

R. Senhor, fazei-nos crescer na esperança!

1. Pelas Igrejas e instituições da humanidade, tentadas pela rotina dos mesmos gestos, para que descubram os novos sinais de alegria e esperança que Deus lhes dá, oremos.

2. Pelos bispos, presbíteros, diáconos e fiéis, enriquecidos por toda a palavra que

vem de Cristo, para que vivam a fé e a vigilância em plenitude, oremos.

3. Por toda a humanidade que se desvia do verdadeiro caminho e pelos que deixam endurecer o coração, para que Deus abra os céus e lhes revele a sua bondade, oremos.

4. Por todos os que perderam a esperança e por aqueles a quem ninguém serve de apoio, para que Deus lhes mostre a salvação, oremos.

5. Pelos membros da nossa assembleia, para que Deus seja o oleiro que os modela com o seu Espírito e a sua Palavra, oremos.

Deus de bondade infinita, que sem cessar Vos lembrais do vosso povo e o visitais pelos vossos mensageiros, conservai-nos vigilantes e despertos para o dia da vinda do vosso Filho. Ele que vive e reina por todos os séculos dos séculos.

“Vigiai e orai em todo o tempo”

PRIMEIRO DOMINGO ADVENTO
ANO C · 2018

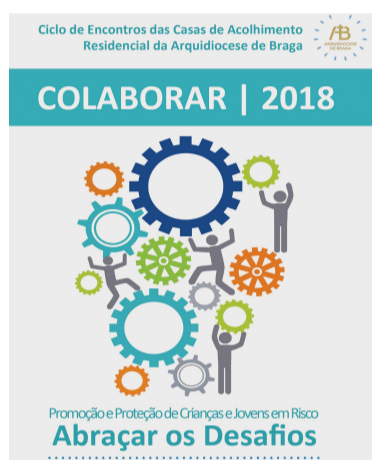


Olive & Noé



COLÉGIO DE S. CAETANO INICIA REFLEXÃO SOBRE CASAS DE ACOLHIMENTO

O Colégio de São Caetano está a organizar uma série de encontros com as Casa de Acolhimento de crianças em risco das IPSS ligadas à Arquidiocese e que têm esta valência nas suas actividades. O objectivo passa por desenvolver uma reflexão sobre as dificuldades encontradas pelas Casas e possíveis acções a executar. Este ano estão a ser convidadas as Casas de Acolhimento do concelho de Braga. "Com este encontro pretende-se definir o retrato actual das Casas, perceber as necessidades sentidas nesta área de intervenção, quer a nível de serviços/respostas, quer a nível do perfil das crianças e jovens de hoje e identificar temas a serem tratados nos encontros seguintes", adiantou a organização. O segundo encontro decorre no dia 6 de Dezembro e o terceiro no dia 14. Todas as sessões decorrem à mesma hora, no Colégio de São Caetano, e contam com a presença do Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga.



tes", adiantou a organização. O segundo encontro decorre no dia 6 de Dezembro e o terceiro no dia 14. Todas as sessões decorrem à mesma hora, no Colégio de São Caetano, e contam com a presença do Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga.

DESPORTO, ÉTICA E TRANSCENDÊNCIA EM DEBATE NA UNIVERSIDADE CATÓLICA

No dia 27 de Novembro, às 14h, realiza-se em Braga o colóquio "Desporto, Ética e Transcendência", organizado pelo Instituto de Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa (UCP) em parceria com o Instituto Português do Desporto e Juventude e o Instituto Luso-Ilirio para o Desenvolvimento Humano/Universidade dos Valores. À mesa, no Auditório Professor Isidro Alves, estarão reu-

nidos, entre desportistas e investigadores, vinte oradores para aprofundarem o tema. Entre eles conta-se Josep Maria Esquirol, da Universidade de Barcelona, vários docentes da UCP e atletas como o ultramaratonista Carlos Sá, o para límpico Bruno Valentim e Fernando Mamede (ex-Sporting). A entrada é livre, mas carece de inscrição até dia 22 de Novembro. A inscrição deve ser realizada no site do Instituto de Estudos de Religião.

AGENDA Viva

23 NOV

ESPAÇO VITA

CONCERTO SOLIDARIEDADE UCRÂNIA

21H30

24 NOV

VILA DO CONDE

HI-GOD UM DIA COM DEUS

09H18

MISSÃO IMPOSSÍVEL

24 NOV

ESPAÇO VITA

ORIGEM TRADICIONAL 40 ANOS

21H30

Espectro do no 24 de Nov 21h30

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

Sim
Assim, sim. AM/FM

PROGRAMA

Ser Igreja

Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista esta semana o **Cónego José Paulo Abreu**, Vigário Geral da Arquidiocese de Braga.

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

LIVRO DA SEMANA

9,90€

10%
Desconto

TERESA POWER

A ÁRVORE DE JESSÉ

Esta obra reúne algumas histórias emblemáticas da Sagrada Escritura. Histórias escritas ao jeito que todas as famílias, os mais crescidos e os mais pequeninos, as entendam. Histórias que nos ajudam a perceber o amor de Deus pela humanidade. Um amor que adquire uma concretização plena no Natal. Assim, a cada história está associada uma imagem para decorar a Árvore de Natal e torná-la num verdadeiro símbolo cristão: a Árvore de Jessé.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 22 a 29 de Novembro de 2018.

